

*“Quero saber por que está faltando pessoal. Onde está essa gente?”*

# Diretor quer curar o HBDF

CARLOS EDUARDO

O mastologista José Antônio Ribeiro Filho, novo diretor do Hospital de Base, é “gente da casa”. Há 18 anos convive com os problemas do maior hospital da cidade.

Aos 54 anos, não queria ser diretor, mas diz que “chegou a hora de contribuir”. De Fundação Hospitalar, são 27 anos. Desde 12 de julho, administra dois mil e 300 profissionais e mais de 630 leitos em 36 especialidades.

Sobre o hospital, defende o atendimento humanizado. “O HBDF não é uma oficina reparadora de órgãos”, diz. Mesmo se considerando administrador “tampão”, sabe que nos próximos seis meses vai ter muito trabalho.

Ele não garante resolver os problemas do hospital, mas propõe participação da comunidade, principalmente empresários, em benefício do HBDF. “A estrutura precisa de investimentos, de doações”, conclui.

Correio Braziliense — O que o senhor viu como médico e que agora, como diretor, vai tentar resolver?

José Ribeiro — O Centro Cirúrgico merece atenção especial. Apesar de ser muito bom, funciona com metade de sua capacidade. Pessoal e equipamentos são fundamentais. O convênio com a Fundação Banco do Brasil vai ajudar na compra de materiais usados em cirurgias cardíacas, neurológicas e de câncer.

Correio — A falta de pessoal é uma queixa comum em toda rede hospitalar pública do DF. Vai ser possível resolver essa crise no HBDF?

Ribeiro — Quero saber por que está faltando pessoal. Temos 501 médicos (deveriam ser 545), 12 dentistas para uma previsão de 20, mas há um excedente de enfermeiros. Onde está esse pesso-



al, se setores importantes, como UTI, precisam de gente? Faltam anestesiistas e temos uma fila de pessoas à espera de operação.

Correio — O Pronto-Socorro é um dos problemas a administrar. Se não há como reduzir a quantidade de pessoas — inclusive de fora — que diariamente busca atendimento, o que fazer?

Ribeiro — Como ele oferece quase todas as especialidades médicas, realmente atende a muitos pacientes. Acho que o setor está preparado para as emergências, tem pessoal e se houver necessidade providenciaremos um reforço.

Correio — O HBDF foi recordista nacional em número de transplantes. Em 1992, foram mais de 70. Mas a imagem do recordista hoje está abalada com o caso Fábio Loss. Como recuperar isso?

Ribeiro — Eu sei o que significa ter alguém na família à espera de transplante. Perdi um parente que não conseguiu ser operado. Muitas coisas precisam ser feitas, mas acho que o primeiro passo é estimular as doações. Ao mesmo tempo, é preciso equipar melhor o hospital.

Villaça — Não se pode colocar a quantidade acima da qualidade. A redução nos transplantes é cí-

clica. Além do mais, há uma posição cômoda de cobrança, só não vejo o interesse das pessoas em investir no hospital. Sem isso é difícil ter bons resultados e cobrar eficiência.

Correio — Mas como estimular doações se o centro de captações não funciona adequadamente?

Villaça — O problema de pessoal explica isso e por mais boa vontade que se tenha, dificilmente o diretor do hospital ou o secretário de Saúde vão conseguir efetivar uma instituição assim sem gente habilitada. É necessário treinamento. A equipe que temos é boa, mas pequena.

Correio — O que fazer para evitar um novo caso Fábio Loss?

Ribeiro — Prefiro não falar sobre o incidente. Outras pessoas que tinham a mesma necessidade de transplante receberam o órgão. Depois disso, o HBDF fez dois transplantes renais.

Correio — Mas Brasília perdeu. Como impedir outra perda?

Ribeiro — O telefone (225-0070 r. 2447) funciona 24 horas, além da central de captação (r. 2724). A equipe do transplante tem bip. Vou reunir a chefia do setor em caráter de urgência e ver o que deve ser feito para que funcione harmonicamente. Aquele incidente podia ter acontecido em qualquer capital brasileira.

Correio — Alguns setores estão com sérios problemas. Qual é o quadro geral das carências hoje?

Ribeiro — A radioterapia está sendo desativada, porque uma bomba de cobalto que tem mais de 30 anos não pode funcionar plenamente. Convênio com o Ministério da Saúde vai garantir outro aparelho para uma unidade que já foi modelo no Brasil.

Correio — E os estoques de medicamento e material que frequentemente estão no limite?

Ribeiro — O GDF reservou verbas para evitar que falte alguma coisa até o final do ano na rede. A demora acontece por causa das licitações, mas sempre são tomadas providências de compra ou empréstimos de emergência.